

## A PEDAGOGIA FEMINISTA PELA PESQUISA-FORMAÇÃO: UM OLHAR SOBRE O PROCESSO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE ARTESANAR

ELIANE GODINHO<sup>1</sup>; MÁRCIA ALVES DA SILVA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestranda em Educação do PPGE / FaE / UFPel – eliane-g-c@hotmail.com

<sup>2</sup>Professora do PPGE / FaE / UFPel – profa.marciaalves@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

*Gosto de ser gente, pelo contrário, porque mudar o mundo é tão difícil quanto possível. É a relação entre a dificuldade e a possibilidade de mudar o mundo que coloca a questão da importância do papel da consciência na história, a questão da decisão, da opção, a questão da ética e da educação e de seus limites”*  
Paulo Freire (2000, p. 20)

Por meio da pesquisa qualitativa, através da metodologia das histórias de vida, mais especificamente da pesquisa formação (JOSSO, 2004) e das propostas educativas da pedagogia feminista (OCHOA, 2008), este trabalho é um recorte do processo investigativo que viemos desenvolvendo em uma pesquisa de mestrado em Educação. Para tanto, tal proposta investigativa, é desenvolvida através do acompanhamento junto a um grupo de mulheres artesãs, assentadas do MST no interior da cidade de Pinheiro Machado.

O trabalho objetiva abordar a questão da mulher como sujeito histórico, sujeito do conhecimento contribuindo para a necessidade de uma antropologia da mulher através dos processos criativos em oficinas de criação, realizados individual e coletivamente. De acordo com Lagarde y de Los Ríos, uma referência em relação a perspectiva feminista, esta antropologia necessita ser elaborada por mulheres e para as mulheres, a partir da hermenêutica feminista, onde a fala e quem fala é valorizada, pois

Necesitamos hacer el inventario real de quiénes somos, qué lugares ocupamos en cada espacio, qué hacemos, para quién lo hacemos, cómo lo hacemos, cuál es el sentido de lo que hacemos e ir recogiendo todas nuestras partes. La autonomía se construye con la capacidad de integrar la identidad y nunca con una autoidentidad fragmentaria (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2005, p. 53)

O esforço empreitado por mulheres que decidem romper com a opressão de gênero e dar seu grito de liberdade em busca da sua emancipação... também se faz na possibilidade de refletir sobre o passado, revisitar memórias, quais proporcionam um outro olhar, para além da admiração, mas de compreensão do processo histórico de luta, de conscientização em busca do seu e do nosso “ser mais”.

### 2. METODOLOGIA

Refletir sobre as experiências vividas e as trajetórias de vida e nossas prospecções é, de certa forma, ir ao encontro de si. Pois o objetivo central da abordagem das histórias de vida consiste

[...] neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao

longo da nossa vida, mas sim tomar consciência de que este conhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto-orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade. Transformar a vida socioculturalmente programada numa obra inédita a construir (JOSO, 2004, p. 58).

Na perspectiva da pesquisa-formação, a reflexão sobre as trajetórias de vida, também projeta o futuro, individual ou coletivo. O que Josso (2004) vai chamar de “processo de caminhar para si,” diz ela que

O processo do caminhar para si, apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. Esse conhecimento de si não se especializa em um ou em vários dos registros (psicológico, sociológico, político, cultural, etc) das ciências do humano; tenta, pelo contrário, apreender as suas complexas imbricações no centro da nossa existencialidade (JOSO, 2004, p. 59).

Tal processo de conhecer a si mesma, pode contribuir para um eu mais consciente em relação a caminhada, (re)elaborando caminhos. De certa forma, um processo mais autorreflexivo que obriga olhar para o passado e para o futuro, acompanhada de uma tomada de consciência em relação ao seu contexto e atuação social, histórica e cultural.

A cultura nos forja, mas falar de onde os pés pisam é que dá sentido à vida. Como diria Frei Betto (2006, s./p.) “A cabeça pensa onde os pés pisam... Sem prática social não há teoria que transforme a realidade”. O artesanato e as suas diferentes formas de intervir socialmente são importantes e potentes ferramentas pedagógicas, não só ao contexto educativo não-formal mas também ao formal.

Ao explorar o artesanato e suas possibilidades de criação, na elaboração de diversas peças e materiais não só é um resgate da infância, das experiências vividas por muitas delas, mas também é um objeto de transformação social, de (re)significação da cultura e que, de certa forma, vai se tornando resistência, de encontro ao que muitas vezes nos é imposto pelo capitalismo e seu consumo exagerado de bens.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensar o artesanato como um ato de criação e resistência, como um processo político pedagógico, na vida do grupo focal, proporciona ampliar horizontes em relação a educação nos espaços não-formais e suas formas de pensar e ver o mundo, sob o ponto de vista da pedagogia feminista e da educação popular. Levando em conta tais contributos, almejamos contribuir para com uma sociedade mais justa, com condições dignas de vida e sobrevivência para todas nós, também pelo viés da educação. Segundo BARTRA (2015), a classe social das pessoas que trabalham com essa arte popular (artesanato) costumam ser as mais baixas. Geralmente não frequentaram os espaços formais

de educação e a aprendizagem é transmitida de geração para geração. A distribuição do trabalho e das peças se dá de forma simples, muitas vezes direto com o público, e é uma arte que tem muitos nomes.

Desta forma, a hermenêutica feminista, ao valorizar a fala de quem fala, nos leva a compreender o lugar dessa fala. Pois tudo isso faz parte das construções sociais e culturais que nos são transmitidas cotidianamente ao longo das gerações. Assim, falar sobre si, suas histórias, suas memórias, trajetórias, é

[...] dizer a sua palavra a partir do seu lugar é fundamental para reinventar outras formas de viver e ver a vida. Dizer o que eu sente, o que sofre, quais as alegrias vividas é devolver a dignidade perdida ou ocultada pelas práticas excludentes patriarcas. Pensar sobre as histórias de vida e fazer disso uma prática que repensa a vida é promover o protagonismo e empoderamento das mulheres. Essas formas de ser e fazer viabilizam relações sociais mais justas e igualitárias entre os seres humanos. É isso que o feminismo busca e espera das relações entre homens e mulheres (EGGERT, 2011, p. 18).

O artesanato como um instrumento, um artifício, uma estratégia da pedagogia feminista; de outro, as discussões sobre opressão de gênero, educação, sexualidade e tantos outros assuntos a serem problematizados durante o processo de criação e recriação de “suas peças” e de si, anunciando e denunciando o experienciado e vivido no processo de luta pela reforma agrária, a luta pelo direito de cultivar a terra. Sendo assim, juntas vamos discutindo e criando oportunidades e possibilidades de transformação social da realidade em que estamos inseridas, problematizando o patriarcado, o machismo, o capitalismo e suas perversidades em nossa história.

Para isso é necessário compreender que “a história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções, das acumulações que tecem o devir das sociedades. Mas é também o relato que se faz de tudo isso” (PERROT, 2007, p. 17). As mulheres sempre fizeram parte de tudo isso, porém estiveram fora de muitos relatos, visto que

As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso a escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. Afinal, elas são apenas mulheres, cuja vida não conta muito. Existe até um pudor feminino que se estende à memória. Uma desvalorização das mulheres por si mesmas (PERROT, 2007, p. 17).

Em linhas gerais a mulher, mãe e esposa cuidadora do lar, e as relações que se estabelecem nesses contextos, inclusive de opressão de classe e de gênero, são percebidas nas oficinas através das narrativas. E uma das propostas da pedagogia feminista está em repensar a própria vida e as relações, historicizando a própria vida.

#### 4. CONCLUSÕES

Partindo do que é problematizado nas oficinas de artesanato, estimulamos a possibilidade de pensar-se e repensar-se, bem como as relações no e com o mundo, consequentemente com os outros, não só buscando estratégias de empoderamento financeiro, mas de empoderamento intelectual e emocional, reforçando a sororidade entre as mulheres. Como educadores e educadoras populares concebemos o educar como um ato político, onde educação, ciência e

tecnologia não são neutras. Por isso precisamos agir mais, intervir mais e de forma consciente no mundo – e as oficinas de criação constituem esse espaço de intervenção, pesquisa e problematização. quando discutimos essas questões relevantes durante as oficinas, também estamos engrossando “a luta pelo vencer, no sentido de mudar a história” (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1985, p. 32), nossa postura política nos acompanha em todos os nossos atos, em qualquer situação em que nos encontramos.

Por isso a necessidade do feminismo e suas contribuições para uma educação libertadora e revolucionária. A proposta de uma Pedagogia Feminista, sintetiza as referências teórico-metodológicas de educação popular e da filosofia feminista, não só pelas características e procedimentos metodológicos, mas ressaltando a importância do processo histórico do tornar-se mulher. Portanto, o mundo do trabalho e a mulher, pelo viés da divisão sexual do trabalho sob o foco dos estudos de gênero e os contributos da teoria feminista, são essenciais para pontuar o artesanato como trabalho, além de pedagógico. Nesse sentido, romper com o silenciamento das lutas femininas em busca de equidade também é um dos objetivos deste trabalho, que assume seu caráter político e ideológico na desconstrução da lógica patriarcal imposta pelo sistema capitalista e neoliberal, em que o patriarcado ainda fere, mata e machuca todos os dias uma de nós. Pensar em uma intervenção feminista é perceber a importância de ações voltadas para a luta das mulheres, atrelada a luta por uma outra, uma nova sociedade. Por nós, por todas nós, sigamos!

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTRA, Eli. **Mujeres, Feminismo y arte popular**. México: Obra aberta Ediciones, 2015.
- BETTO, FREI. Elogio da Conscientização. **Agenda Latino-americana**, 2006. Disponível em:  
<http://www.servicioskoinonia.org/agenda/archivo/portugues/obra.php?ncodigo=107> Acesso em: 20 fev. 2016.
- EGGERT, Edla. (Org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.
- FRANCO, Paki Venegas. CERVERA, Julia Pérez. **MANUAL PARA O USO NÃO SEXISTA DA LINGUAGEM**: O que bem se diz... bem se entende. UNIFEM – Fondo de Desarollo de las Naciones Unidas para la Mujer (Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina), 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GADOTTI, Moacir. FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia**: diálogo e conflito. São Paulo: Cortez, 1985.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Para mis socias de la vida**: Claves feministas para el poderío y la autonomía de las mujeres. Madrid: JC Producción Gráfica, 2005.
- OCHOA, Luz Maceira. **El sueño y la práctica de sí**. Pedagoía feminista: uma propuesta. 1ª ed. México: Centro de Estudios Sociológicos, Programa Interdisciplinario de Estudios de la Mujer, 2008.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.